
Ensino de sociología no contexto pandêmico: relato de uma prática educativa na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará

La enseñanza de la sociología en el contexto de la pandemia: informe de una práctica educativa en la Escuela de Aplicación de la Universidad Federal de Pará

Leonardo Figueiredo
Maria Raiele Sousa
Vergas Vitória Andrade da Silva
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Belém/PA-Brasil

Resumo

Objetivou-se neste trabalho descrever como ocorreram as regências da disciplina de Sociologia com as turmas de 1ª Série do Ensino Médio na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EA-UFPA), uma das atividades desenvolvidas pelo Programa Residência Pedagógica – Núcleo de Sociologia. Para o desenvolvimento das atividades, nos baseamos nos princípios de Paulo Freire (1987; 1996; 2012) e bell hooks (2013) para trazer os conhecimentos e os contextos em que os alunos estão inseridos para a sala de aula, além de trazer inovações com o incremento da tecnologia no processo de ensino. Com isso, pudemos concluir que é necessário fazer da sala de aula um espaço de entusiasmo, que faça sentido no cotidiano destes alunos, mesmo nos contextos mais diversos, para que se sintam parte do processo de ensino.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia; Formação Docente; Tecnologias.

Resumen

El objetivo de este trabajo fue describir cómo se produjo la conducción del curso de sociología con las clases de 1er Grado de Bachillerato en la Escuela de Aplicación de la Universidad Federal de Pará (EA-UFPA), una de las actividades desarrolladas por el Programa de Residencia Pedagógica - Centro de Sociología. Para el desarrollo de actividades, nos basamos en los principios de Paulo Freire (1987; 1996; 2012) y bell hooks (2013) para acercar los conocimientos y contextos en los que los estudiantes se insertan en el aula, además de aportar innovaciones con el aumento de la tecnología en el proceso de enseñanza. Con esto, pudimos concluir que es necesario hacer del aula un espacio de entusiasmo, que tenga sentido en la vida cotidiana de estos estudiantes, incluso en los contextos más diversos, para que se sientan parte del proceso de enseñanza.

Palabras clave: Enseñanza de la Sociología; Formación docente; Tecnologías.

1. Introdução

A pandemia do coronavírus exigiu, em todos os setores da sociedade, novas adaptações. Como não poderia ser diferente, o setor educacional sofreu sérias mudanças. Por meio do isolamento social, medida tomada por diversos governos para a redução do contágio do vírus, as instituições de ensino buscaram dar continuidade às suas atividades. Neste sentido, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi uma alternativa encontrada pelos sistemas de ensino para continuar suas atividades, sem expor professores e alunos ao vírus. Com isso, o ensino básico precisou se aproximar das tecnologias digitais tal qual o Ensino a Distância havia proporcionado ao Ensino Superior. É válido ressaltar, no entanto, que ERE e educação a distância não são a mesma coisa (COQUEIRO; SOUSA, 2021).

A Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, espaço onde desenvolvemos as atividades do Programa Residência Pedagógica – Núcleo de Sociologia, foi uma das instituições que adotaram o ERE como forma de dar continuidade às suas atividades, principalmente no que se refere às aulas. Todavia, assim como em grande parte das instituições de ensino básico, o ensino remoto surge como uma novidade. Ele emerge em contexto específico ao qual escolas, professores, profissionais da educação e alunos não estavam preparados. Além disso, é válido ressaltar que o ERE foi implementado em um contexto profundamente desigual, sobretudo, no que se refere ao acesso às tecnologias digitais.

A natureza dessa “modalidade” de ensino reclama a presença de internet, computadores, tablets e/ou celulares, além de competências necessárias para lidar com *softwares* disponíveis para o real exercício das aulas. Entretanto, os dados da pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros – TIC Domicílios 2019, publicados pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), ligado ao Comitê Gestor da Internet (CGI), revelam um conjunto de assimetrias quanto ao uso das TICs. Segundo esta pesquisa, o Norte é a região com os piores indicadores de acesso e qualidade no uso da internet no Brasil, seguida da Região Nordeste. Confirmando esses índices negativos, constata-se que 71% dos domicílios na Região Norte não possuem computadores (CTIC, 2019). Apesar da pesquisa demonstrar que 72% dos domicílios dispõem de acesso à Internet (CTIC, 2019), somente 26% desses domicílios possuem internet e computador (de mesa, portátil ou tablet). Quanto à qualidade da conexão, somente 38% dos domicílios com acesso à internet detêm conexão Banda Larga Fixa. A

conexão presente na maioria (48%) dos domicílios é a móvel (3G e 4G) (CTIC, 2019), cuja velocidade é menor e a qualidade dos serviços, baixa. É, no país, a região com mais índice de conexão móvel como único meio de acesso à internet.

As desigualdades nas capacidades de utilização dessas tecnologias revestem-se de importância crucial no contexto contemporâneo, principalmente para o campo da educação. A epidemia da Covid-19 inaugura a necessidade de uma “modalidade” de ensino que não pode prescindir da presença, reiteradamente, da internet, computadores, tablets ou celulares, cuja distribuição é desigual no Norte. Conforme a perspectiva a ser discutida neste relato de experiência, a precariedade no acesso digital, como um fenômeno intrínseco à realidade paraense, torna o ERE contraditório e paradoxal. Por essa razão, este relato supõe que tal expediente tende a reproduzir as desigualdades escolares preexistentes, as quais são “parcialmente niveladas” em ambientes escolares presenciais, em especial, nas escolas públicas de educação básica. A proposta de implementação do ERE, conforme asseguraram Oliveira, Gomes e Barcellos (2020, p. 562), “resultará na manutenção ou ampliação das desigualdades, dada a impossibilidade de desenvolver estratégias mais genéricas e robustas, no curto prazo, para suprir as carências no setor público”.

Neste cenário, há um grande desafio posto aos professores e alunos: como manter/atrair a atenção através da tela de um computador/tablet/celular? Estes estão preparados para utilizar as tecnologias para o ensino? Todos os alunos têm acesso a estas tecnologias? Como têm sido nossas experiências de regências na disciplina de Sociologia? São questões que surgem em diversos debates a respeito da educação em tempos de pandemia e que decidimos trazer para este relato, pois têm norteado nossa formação no Programa Residência Pedagógica enquanto futuros professores de Sociologia. Além disso, discutir esses entraves no processo de formação docente é essencial para se pensar em estratégias pedagógicas e metodológicas para dar continuidade nas aulas, mesmo em ambiente digital, sempre levando em consideração a situação socioeconômica dos alunos e seu acesso às redes digitais. É preciso discutir como se dá o processo de mediação docente com componentes *online* e, ao mesmo tempo, ter em conta estratégias que não ampliarão ainda mais o abismo da desigualdade social em nosso país (GOEDERT; ARNDT, 2021).

Desse modo, contextos atípicos, como este descrito acima, exigem novas adaptações no setor educacional e devem ser alvo de nossa atenção e reflexão. Por isso, nosso objetivo

com este escrito é relatar nossa experiência com as regências das aulas de Sociologia na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, no formato do ERE, durante a pandemia do coronavírus. Em termos metodológicos, este relato de experiência foi desenvolvido sob a perspectiva descritiva e reflexiva, tal qual sublinhada por João Medeiros (2007). Segundo esse autor, trabalhos que seguem essa abordagem focam em um exercício de descrição detalhada de uma realidade específica, desvelando, por meio da reflexão crítica, elementos ocultos ou mesmo imperceptíveis (MEDEIROS, 2007). Tomando essa perspectiva como referência, este trabalho tomou as vivências docentes dos residentes, na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, como objeto de estudo. Mais especificamente, descreveremos as regências por nós desenvolvidas com as turmas da 1ª série do Ensino Médio, sob a orientação da Profa. Vergas Vitória Andrade da Silva, preceptora do PRP, durante o mês de outubro de 2021.

Para realizar a descrição, partimos do seguinte passo-a-passo: 1) selecionamos as regências por nós ministradas; 2) realizamos *prints* dos chats com a participação dos alunos; 3) analisamos nossa experiência no ato de ministrar as regências. A partir daí, descrevemos essas vivências por meio da seleção de doze regências, cujos temas podem ser assim apresentados: 1) Ideologia: mascaramento e ocultamento da realidade; 2) A *matrix* e as ideologias nossas de cada dia; 3) A relação indivíduo-sociedade: perspectivas sociológicas clássicas. Para dar conta dessa descrição, contamos com o aporte teórico que subsidia os estudos sobre educação e pandemia (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020; MARQUES, 2020), por isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica que dialogasse com as nossas experiências docentes no PRP.

Ademais, apresentaremos alguns dados sobre as condições socioeconômicas de acesso à internet, uso de smartphones, tablets e/ou computadores entre discentes do ensino médio da Escola de Aplicação/UFPA. Os dados utilizados na elaboração das análises que fundamentam este relato são provenientes de um questionário composto por questões fechadas, desenvolvido pela Coordenação Pedagógica do Ensino Médio da Escola de Aplicação/UFPA em 2020. O referido questionário foi aplicado de modo online e o objetivo foi coletar informações sobre acesso digital na eminência da implementação do ERE por ocasião da pandemia da Covid-19. O principal resultado revela a presença de certa deficiência e debilidade ligadas à infraestrutura de redes, acesso à internet e disponibilidade de artefatos digitais por uma parcela significativa desses discentes. As desigualdades são invariavelmente

concretas e percebidas na ausência de suportes, equipamentos, conexões, áreas de cobertura e outros itens associados.

Por fim, este relato está estruturado em três seções, além da introdução e considerações finais. A primeira discute algumas noções desenvolvidas por Paulo Freire (1987; 1996; 2012) e bell hooksⁱ (2013) que embasaram as atividades de Regência por nós desenvolvidas. Desta maneira, apresentaremos, nessa seção, o referencial teórico no qual se ancora nossa análise. A segunda seção apresenta o contexto da ‘divisão digital’ entre discentes do ensino médio da Escola de Aplicação/UFPA, demonstrando as chances de alargamento das desigualdades escolares num contexto em que o processo de ensino e aprendizagem é mediado por tecnologias distribuídas desigualmente. A terceira e última seção relata nossa experiência com as regências das aulas de Sociologia.

2. Regências e o respeito ao contexto e saberes dos estudantes: o aporte teórico da prática

Esta seção pretende apresentar um breve debate sobre a importância de se levar em conta o contexto e os saberes dos estudantes, focando nas perspectivas desenvolvidas por Paulo Freire (1987; 1996; 2012) e bell hooks (2013). Vale ressaltar que essas perspectivas foram as que embasaram nossa prática educativa durante as regências no Programa Residência Pedagógica, na Escola de Aplicação da UFPA. Na abordagem freiriana, movimentaremos uma discussão sobre as premissas que versam sobre a ‘identidade cultural e educação’ (FREIRE, 2012) e o ‘respeito aos saberes dos educandos’ (FREIRE, 1996). Na perspectiva de bell hooks (2013), nos valeremos das seguintes assertivas: o entusiasmo que deve existir tanto no educador para que este não seja autoritário, quanto no educando, para que este não seja resistente; e o processo de ensino seja uma construção coletiva, democrática. Além disso, partilhamos da ideia de hooks quando afirma que Freire lhe deu uma linguagem, que englobe o contexto cultural dos alunos.

Embasados pela orientação segundo a qual “o pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, chegam a ela, mas também discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes” (FREIRE, 1996, p. 31), realizamos nossas regências e nos relacionamos nas salas de aulas

virtuais com os discentes do 1º ano do ensino médio da EA/UFGA. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos para enriquecer as aulas de sociologia? Afinal, levar em conta tais saberes e experiências foi de fundamental relevância para a construção das aulas, sobretudo, no contexto tão atípico e difícil. Ministrando aulas por meio das telas traz um conjunto de prejuízos no que se refere ao processo de interação professor-aluno. Virou lugar comum a queixa de que os estudantes “não interagem” e “nem abrem as câmeras” durante as aulas remotas. Uma das formas por nós encontrada foi tentar nos aproximarmos deles por meio de um diálogo com os seus saberes. Entendemos que agindo desta maneira respondemos a uma questão retórica de Freire (1996, p. 32): “Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos”?

Partindo dessa perspectiva fica evidente a importância das relações entre a identidade cultural dos sujeitos da educação e a prática educativa. Afinal, “a identidade dos sujeitos tem que ver com as questões fundamentais de currículo, tanto o oculto quanto o explícito e, obviamente, com questões de ensino e aprendizagem (FREIRE, 2012, p. 99). Levar em conta a identidade cultural dos estudantes durante o contexto pandêmico fez toda a diferença em nossa prática educativa, pois entendemos que não se pode permanecer longe ou indiferente ao contexto concreto, ao mundo imediato da ação dos educandos e ser um educador. Nas palavras de Freire (2012, p. 105)

Pensar que é possível a realização de um tal trabalho em que o contexto teórico se separa de tal modo da experiência dos educandos no seu contexto concreto só é concebível a quem julga que o ensino dos conteúdos se faz indiferentemente ao e independentemente do que os educandos já sabem a partir de suas experiências anteriores à escola. E não para quem, com razão, recusa essa dicotomia insustentável entre contexto concreto e contexto teórico.

Na busca pela superação da dicotomia contexto concreto e contexto teórico, optamos pelo diálogo, mesmo com todas as dificuldades intrínsecas ao processo de ensino-aprendizagem remotas. O Chat no Google Meet tornava-se nosso espaço de falas e trocas. A dialogicidade enquanto essência da educação norteou boa parte de nossas práticas educativas. Corroboramos com a perspectiva de que “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (FREIRE, 1987, p. 79). O diálogo mobilizado por nós nas aulas remotas era um meio pelo qual nós e os estudantes tornavam aquele momento cheio de significados e, neste sentido, inferimos, tal qual Freire (1987, p. 83)

que sem a capacidade de ouvir o outro “não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”.

Na mesma linha de Freire, hooks (2013) afirma a importância de transformar a sala de aula numa comunidade pedagógica, com entusiasmo, pois tudo é gerado pelo esforço coletivo. hooks defendia que os envolvidos – professores e estudantes – reafirmassem e praticassem a mudança de uma sala de aula autoritária para uma sala de aula mais democrática, para tanto precisariam reconhecer o poder que têm em mãos e a luta que travarão contra as estruturas autoritárias e mantenedoras de uma educação que prevê hierarquia, obediência e distância entre discentes e docentes e que torna a sala de aula menos dialógica.

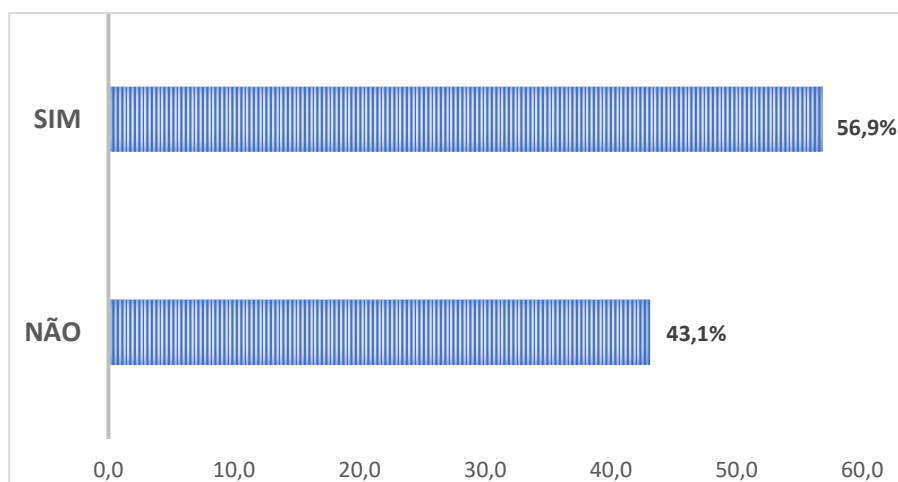
3. Um breve quadro sobre a ‘divisão digital’ durante o ensino remoto emergencial

A natureza dos dados que serão apresentados doravante refere-se, sobretudo, às condições sociais de acesso digital, com ênfase nas seguintes informações: (i) principal aparelho utilizado para acesso à internet e (ii) posse de smartphone, notebook, tablet e/ou computador em condições de uso. A base empírica da amostra envolveu 255 estudantes, com uma média de idade que varia entre 15 e 19 anos, contemplando todas as séries do ensino médio. Para dar conta deste universo, a técnica de pesquisa utilizada foi o questionário, composto por questões fechadas e aplicado de modo não presencial. Quanto às questões éticas da pesquisa, vale ressaltar que este estudo foi aprovado no Conselho Escolar da EA/UFPA, que conta com a representação de docentes, discentes e pais/responsáveis. Também passou pela anuência da Coordenação do Ensino Médio, responsável pela comunicação aos pais dos(as) discentes sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A Escola de Aplicação/UFPA é localizada num bairro periférico da cidade de Belém, chamado Terra Firme. Esse bairro concentra boa parte da população de baixa renda do centro da capital e sofre com carência de serviços básicos (saneamento, em especial). Os estudantes da EA/UFPA são, em sua maioria, oriundos dessa localidade e de um outro bairro, também considerado periférico, chamado Guamá. Vale destacar que o ingresso à Escola é feito por meio de sorteio. Neste sentido, é importante frisar que no contexto da pandemia da Covid-19, os abismos postos pelas contradições e desigualdades têm ficado cada vez mais evidentes,

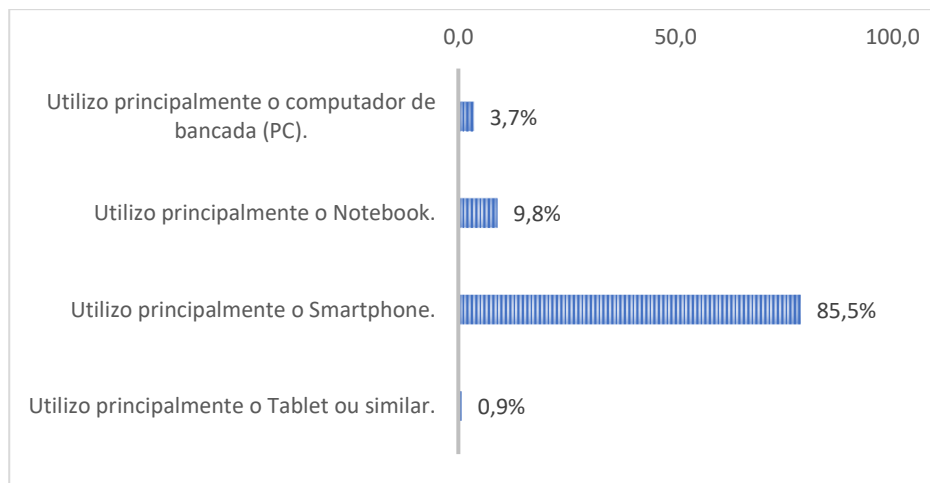
agravando vulnerabilidades já existentes. Nesse cenário dissonante, as debilidades de acesso digital ganham forma, conforme é possível constatar nos gráficos 1 e 2.

Gráfico 1. Porcentagem de estudantes que possuem notebook, tablet e/ou computador



Fonte: Coordenação Pedagógica do Ensino Médio EA/UFPA (julho, 2020)

Gráfico 2. Aparelho utilizado pelos(as) estudantes para acesso à internet.



Fonte: Coordenação Pedagógica do Ensino Médio EA/UFPA (julho, 2020).

Os resultados evidenciados acima são patentes diante das assimetrias nas capacidades de utilização das tecnologias de base digital, ora essenciais ao exercício do ERE. Fica evidente a desigual distribuição do acesso a notebooks, tablets, computadores e internet, revelando, conforme nossa análise, a dinâmica social da “divisão digital” entre os estudantes do ensino médio EA/UFPA. Como se pode depreender do gráfico 1, 56,9% dos estudantes possuem

notebook, tablet ou computador em condições de uso. Entretanto, uma porcentagem significativa de 43,1% não tem acesso, evidenciando os abismos entre esses dois grupos. Similar precariedade percebe-se quanto ao aparelho pelo qual o estudante tem acesso à internet.

Como é possível observar no gráfico 2, a imensa maioria utiliza o smartphone (85,5%), ou seja, esses estudantes fazem uso da internet em uma ferramenta limitada, cuja qualidade de leitura e escrita é bastante reduzida quando comparada a um computador de mesa ou um notebook, por exemplo. É justamente num contexto pandêmico, que impõe uma modalidade de ensino remoto, que as desigualdades quanto ao acesso digital dos estudantes saltam aos olhos e tornam-se uma questão-chave a ser encarada.

Pode-se observar também que o fato de 56,9% (gráfico 1) dos alunos possuírem notebooks, tablets ou computador, não significa que todos acessem a internet a partir destes aparelhos. O gráfico 2 aponta que 3,7% utilizam computador de mesa, 9,8% utilizam notebooks, 0,9% utilizam tablets ou similares e 85,5% utilizam, principalmente, smartphones para acessarem a internet. Isto é, apenas 14,4% dos alunos utilizam a internet por outros aparelhos que não sejam os smartphones. Sabe-se, no entanto, que na maioria das vezes os planos e pacotes de internet para smartphones são mais baratos que as redes banda larga e wi-fi para acessar internet a partir dos notebooks e computadores de mesa, o que pode ser uma das causas da diferença entre a utilização de smartphones e outros aparelhos.

A centralidade que o ingresso digital assume, nesse cenário, nas muitas áreas das atividades sociais, econômicas, políticas e escolares, equivale a marginalidade para aqueles que não têm acesso, ou têm apenas um acesso limitado. Assim, não surpreende a denúncia da “divisão digital” (CASTELLS, 2004) gerada pela desigualdade a ela associada. Para entender a dinâmica do acesso diferencial entre os estudantes da EA/UFPA, este relato parte do pressuposto segundo o qual a diferenciação entre os que têm e os que não têm o ingresso garantido às redes de base digital acrescenta uma divisão essencial às fontes já existentes de desigualdades. Como as condições de acesso à internet, smartphone, notebook, tablet e/ou computador estão, hoje, no cerne do ‘novo’ padrão de organização social, caracterizado por uma pandemia global, o desenvolvimento desigual dessas condições expressa a face mais dramática da “divisão digital”.

4. Ministrando sociologia no ensino remoto durante a pandemia do coronavírus

Antes de ir diretamente ao relato, precisamos compreender e contextualizar o cenário em que as regências ocorreram, ou seja, antes de tudo, precisamos entender o que é uma pandemia. Para Ventura e Silva (2009, p. 280), a pandemia é um “fenômeno patológico que alcança simultaneamente muitas pessoas, numa zona geográfica muito vasta”. Marques et al. (2020, p. 749) compreendem a pandemia como um fenômeno “catastrófico que provoca danos ao funcionamento da pessoa e suas interrelações de socialização e compartilhamento de ações que envolvam os fatores de saúde, educação, economia, cultura e o social”. Isto é, apesar de ter sua origem em um vírus, a pandemia é um fenômeno social.

As pandemias são, na mesma proporção, ocasionadas e refreadas pelo modo como as pessoas interagem socialmente. Por isso, apresentam caráter, sobretudo, social. Ao instaurar lógicas de distanciamento social e novas dinâmicas de limpezas e cuidados com o corpo, a Covid-19 afeta nossas interações mais básicas com “pessoas e objetos: evitar tocar em coisas que possam estar (invisivelmente) contaminadas, evitar abraçar ou apertar a mão das pessoas, não tocar nosso nariz ou esfregar os olhos” (ŽIŽEK, 2020, p. 46). Partindo desse ponto de vista, faz todo sentido pensar nas “relações entre a maneira como se organiza e se desenvolve uma determinada sociedade e a situação de saúde de sua população” (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007, p. 80). Assim, as diferenças de saúde entre grupos humanos não podem ser explicadas por fatores exclusivamente biológicos. Esses são os menos decisivos para a situação de doença dos indivíduos, pois “as diferenças de saúde parecem resultar de hábitos e comportamentos construídos socialmente e, principalmente, de fatores que estão fora do controle direto do indivíduo ou do grupo” (SOUZA; SILVA; SILVA, 2013, p. 47).

Dito isso, convém iniciar reiterando que a alternativa construída pela Escola de Aplicação para amenizar os impactos do coronavírus na educação foi o ERE, que, no entanto, evidenciou outros inúmeros problemas interiores e exteriores ao sistema de ensino, como, por exemplo, o percentual de 25% de brasileiros sem acesso à internet, de acordo com o IBGE (2020), sendo que 95% dos estados brasileiros adotaram o Ensino Remoto (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020). Neste sentido, a inclusão digital demanda discutir questões de cunho social e econômico, e, no meio de uma pandemia global, os indivíduos em vulnerabilidade social são os mais afetados (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020). Isto porque

nesse contexto, mostram-se as desigualdades escolares, uma vez que, com o fechamento das escolas, a discussão sobre o ERE (Ensino Remoto Emergencial) vem à tona, e esse debate tem um ponto indispensável, que diz respeito ao acesso desigual das plataformas digitais por parte desses alunos, à dificuldade de aprendizagem fora dos espaços da sala de aula e à evasão escolar por parte significativa dos estudantes. (SOUZA, 2021, p. 25).

No ambiente escolar, o abismo de desigualdade no acesso a esses recursos ficou mais expressivo, na medida em que se observou, através do Núcleo de Sociologia da Residência Pedagógica, as dificuldades enfrentadas pelo corpo docente, discente e os residentes que compõem o programa.

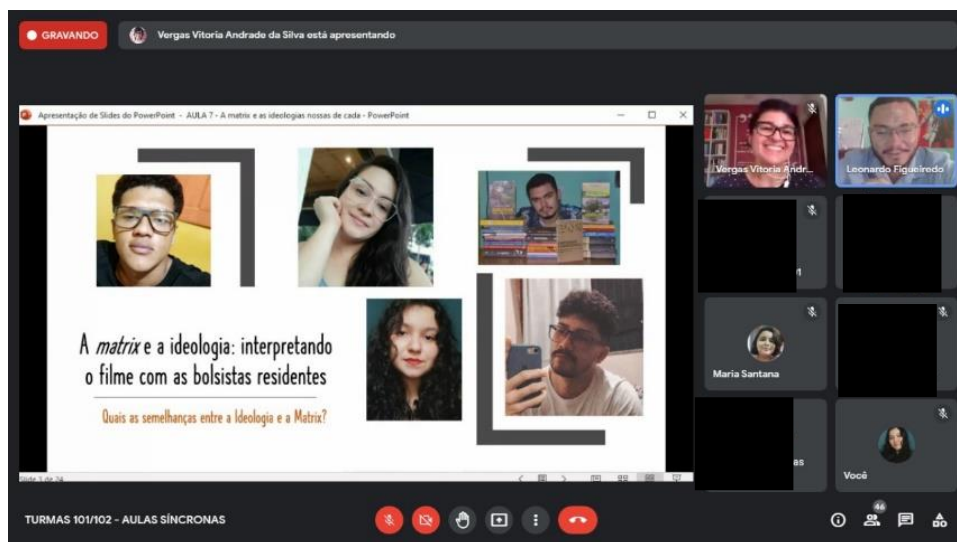
Nossas regências na disciplina de Sociologia transcorrem em um cenário em que as salas de aula foram substituídas por salas virtuais, na plataforma Google Meet, onde professores e alunos se comunicam por meio de um microfone, se veem através de uma tela (isto quando as câmeras dos aparelhos eletrônicos são ligadas), o material didático é disponibilizado de forma virtual, as brincadeiras durante as aulas ocorrem no chat das plataformas e a lousa se transforma em slides.

Este passou a ser um cenário comum durante o período pandêmico para aqueles que tem acesso à internet e aos aparelhos eletrônicos para participar das aulas. Além dos desafios de ter que aprender repentinamente a manusear estas ferramentas, tivemos que construir alternativas para tornar as aulas mais atrativas aos alunos. Eles tiveram de passar horas na frente das telas assistindo às aulas.

Ao todo, foram 12 regências. Elas dividem-se em 3 temas, que foram: Ideologia: mascaramento e ocultamento da realidade (Figura 1); A *matrix* e as ideologias nossas de cada dia (Figura 2); A relação indivíduo-sociedade: perspectivas sociológicas clássicas – Karl Marx e Emile Durkheim (Figuras 3 e 4). Cada tema foi ministrado para 3 turmas, totalizando as 12 regências. Além disso, elegemos e dividimos, entre os residentes, 3 funções que deveriam ser cumpridas nas aulas remotas: 1. Expositor, 2. Mediador e 3. Comentarista. O apresentador é o responsável por expor o tema e fomentar a discussão com os alunos; o mediador é responsável por acompanhar as perguntas feitas pelos alunos; e o comentarista é responsável por fazer comentários no chat e os verbalizar para o apresentador. Todavia, estas funções não são estáticas, todos os residentes podem atuar como comentaristas. A divisão de funções ocorreu apenas para organizar a aula. Além disso, havia um revezamento dos residentes nas

funções. Em cada aula, estas funções mudavam. Este formato foi escolhido para que todos os residentes pudessem participar de todas as aulas, além de possibilitar aulas dialogadas, uma vez que este formato incentivou também a participação dos alunos com comentários e questionamentos. As regências buscavam, por meio do diálogo, aproximar-se do contexto concreto dos alunos, visando exaltar os saberes que esses tinham dos conteúdos curriculares da sociologia (FREIRE, 1996; 2012).

FIGURA 1 – Ideologia: ocultamento e mascaramento da realidade.



Fonte: Residência Pedagógica – Núcleo de Sociologia, 2021.

Durante a elaboração das aulas, sobretudo dos slides e do material didático, instigados pela perspectiva de hooks (2013), pensamos em como fazê-las, considerando a realidade destes alunos, seus gostos, sua cultura, para que se sintam entusiasmados em participar das aulas como sujeitos ativos. Desse modo, no material didático utilizado nas aulas, buscamos utilizar, em alguns momentos, gírias do cotidiano destes alunos, além de indicarmos *podcasts*, músicas, documentários, séries e filmes que dialoguem com os temas discutidos e com o universo cultural dos estudantes.

A utilização de *podcasts*, séries, filmes e documentários, como materiais de apoio ao ensino, cresceram bastante desde o surgimento da pandemia. Ademais, fazem parte do cotidiano de grande parte dos alunos, possibilitando, assim, aproximar o conhecimento da disciplina com as artes, de modo que os estudos se tornem mais prazerosos a estes alunos. Sem contar que

o contexto em que diversas instituições de ensino adotaram o ensino remoto como alternativa, a tecnologia surge como uma ferramenta importante, uma vez que ela aproxima indivíduos (de forma virtual) em um momento no qual o encontro presencial pode significar riscos à saúde de professores e alunos. (FIGUEIREDO, 2021, p. 49).

Dessa forma, utilizamos a tecnologia, mesmo que não sendo acessível a todos, através de filmes, jogos, *podcasts* etc., como uma das ferramentas neste processo do ERE. As Figuras 1 e 2 exemplificam este ponto. Nelas, demonstramos o filme *Matrix* para explicar o conceito de ideologia.

FIGURA 2 – A *matrix* e as ideologias nossas de cada dia.



Fonte: Residência Pedagógica – Núcleo de Sociologia, 2021.

Como se sabe, os alunos não são sujeitos abstratos, eles possuem cultura, pertencem a classes sociais, passam pelo processo de socialização, portanto, estão cotidianamente em interação com os temas da sociologia. Neste sentido, buscou-se sempre direcionar os comentários e exemplos dissertados pelos alunos para o tema da aula ministrada, associando suas vivências e a maneira como se comunicam com o material apresentado. Como aponta Edmilson Barros (2021, p. 35), “a partir desses saberes que os alunos trazem consigo de suas vivências e realidades distintas, as aulas podem ser mais ricas, possibilitando uma

aprendizagem que possua um significado prático diante das realidades vivenciadas pelos educandos”.

Com base nisso, trabalhamos os temas da disciplina a partir de uma perspectiva que dialogasse com este cotidiano, utilizando memes quando possível, trazendo exemplos etc. (na Figura 5, é possível notar o emprego do meme como forma de divertir e aprender). Conseqüentemente, os alunos passavam a trazer novos exemplos, indicar filmes, memes, músicas e séries que se relacionavam com os temas estudados. Isso nos permite apontar que o objetivo de os entusiasmar a participar das aulas havia tido alguns resultados positivos, como é possível observar no chat (Figura 3).

FIGURA 3 – Aula sobre a relação indivíduo-sociedade nas perspectivas sociológicas clássicas: Karl Marx.

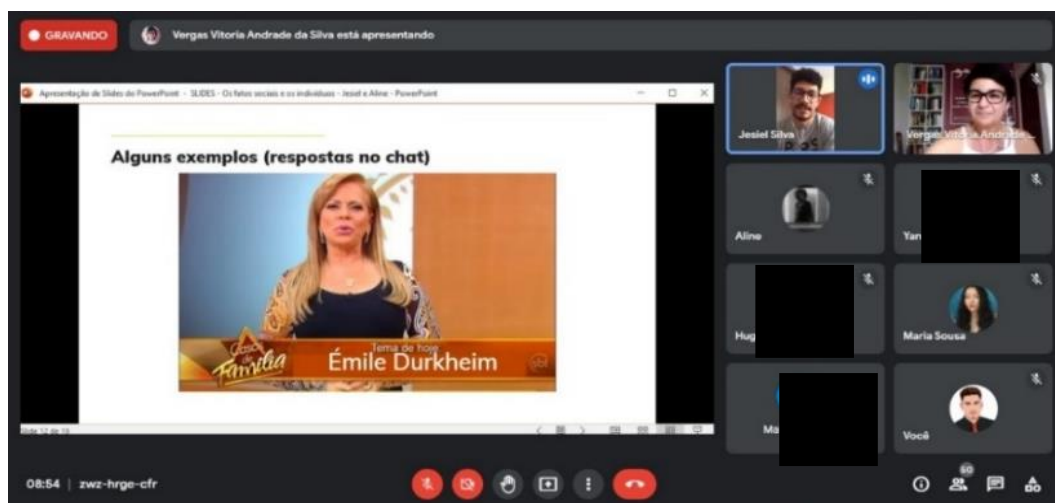


Fonte: Residência Pedagógica – Núcleo de Sociologia, 2021.

Como forma de avaliação, isto é, para verificar a aprendizagem dos alunos no contexto da aula, optou-se por utilizar o Programa *LearningApp*, onde criamos um jogo educativo, o que deixou a aula ainda mais participativa e divertida, como demonstra a Figura 4. Essa atividade foi muito interessante, pois mobilizou os conhecimentos que os alunos apreenderam na aula. Os alunos conseguiram demonstrar seus aprendizados por meio do jogo. O jogo que desenvolvemos foi bem simples. Tratava-se de um Quiz com questões de múltipla escolha, no qual os alunos interagem, atribuindo uma letra à questão correta.

FIGURA 4 – Atividade de avaliação da aula.

Fonte: Residência Pedagógica – Núcleo de Sociologia, 2021.

FIGURA 5 – A relação indivíduo-sociedade nas perspectivas sociológicas clássicas: Emile Durkheim.

Fonte: Residência Pedagógica – Núcleo de Sociologia, 2021.

De acordo com Hodges (2020), o aprendizado *on-line* carrega o estigma de ser de qualidade inferior em relação ao aprendizado presencial. A adoção do ensino remoto emergencial por tantas instituições ao mesmo tempo pode tornar contraditória a percepção da aprendizagem via recursos *on-line* como uma opção fraca, quando, na verdade, o próprio contexto e as circunstâncias obrigaram as instituições a procurar módulos de ensino alternativos, na tentativa de minimizar os impactos da pandemia na educação. Dessa forma,

não possibilita um planejamento adequado das aulas e inviabiliza o total aproveitamento no ensino remoto.

Apesar do planejamento em conjunto, é difícil estabelecer um modelo a se seguir durante a permanência do Ensino Emergencial Remoto, considerando o cenário inédito em que vivemos. Ademais, as atividades propostas são discutidas e simuladas visando atender às dificuldades de uma turma composta por estudantes com realidades distintas.

A mudança abrupta do modelo de ensino não trouxe somente a necessidade de um novo olhar sobre os diferentes estágios de aprendizado e como suprir as carências de cada estudante, também acarretou embargos para a formação dos discentes em cursos de licenciatura. Estes precisam se adequar à nova realidade e aos empecilhos decorrentes dela. Em vista disso, o Programa Residência Pedagógica proporciona amparo pedagógico e possibilita a produção e aplicação de materiais específicos para tratar das adversidades oriundas desse contexto pandêmico e suas consequências, preparando os residentes para atuar diretamente em um campo atualmente composto por elementos heterogêneos, que transformaram a maneira de se lecionar aula, tanto presencialmente quanto virtualmente.

5. Considerações finais

Este Relato de Experiência está inserido na linha dos trabalhos que buscam, além de descrever vivências, problematizar o tema da formação docente em tempos remotos. Este artigo teve como propósito relatar nossas experiências com as regências das aulas de Sociologia na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, no formato do ERE. Conforme nossa análise, podemos inferir que as regências, por nós ministradas, foram consideradas uma experiência bastante desafiadora. Diante do contexto de crise sanitária e econômica que o mundo enfrenta, por vezes, fingimos que nada estava acontecendo para poder seguir.

No mesmo momento em que os jornais noticiam a morte de milhares de pessoas, alunos e professores devem concentrar-se para participar das aulas. Nunca é demais ratificar que a pandemia escancarou a desigualdade socioeconômica entre o modo de vida dos bairros da elite, classe média, e a periferia, guetos. Afinal, a “pandemia desnudou a desigualdade existente tanto nos países ricos como pobres, sendo mais gritante nestes últimos. A

pandemia desnaturalizou a pobreza, trouxe à luz a vida cotidiana de milhares de invisíveis” (GOHN, 2020, p. 14).

Os défices já existentes no sistema educacional, como o aumento da defasagem escolar e da desigualdade social, foram ampliados, refletindo diretamente a dificuldade de muitos alunos no acesso às tecnologias necessárias para o funcionamento básico da educação a distância. Com base nisso, entendemos que o ERE não pode ser a única solução, esta modalidade de ensino tende a exacerbar as desigualdades já existentes, que são parcialmente niveladas nos ambientes escolares, simplesmente, porque nem todos possuem o equipamento necessário.

As desigualdades, além de concretas, isto é, ligadas à infraestrutura de redes, acesso à internet e disponibilidade de artefatos digitais, estão pautadas também pela desigualdade de formação. Diante disso, nossa formação docente precisou se adaptar abruptamente a esse novo modelo de ensino e enfrentar novos desafios que foram intransponíveis, apesar dos esforços (CASTRO et al., 2020). Nesse cenário de incertezas, o processo de imersão dos residentes na licenciatura ganha novos significados e perspectivas ao pensar os processos de ensinar e aprender para além da sala de aula. Todavia, este contexto proporcionou novos aprendizados, como o aperfeiçoamento nos manuseios de meios digitais para o ensino de Sociologia, cuja importância no ensino, de modo geral, veio para ficar.

Referências

BARROS, E. B. Aproximação entre teoria e prática no programa residência pedagógica. In: ALBUQUERQUE, K. A. de; SOUZA, L. F. de; SILVA, V. V. A. da (orgs.). **Coronavírus e a formação do professor de sociologia**. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2021. p. 32-36. Disponível em: <https://quipaeditora.com.br/coronavirus-sociologia>. Acesso em: 25 nov. 2021. DOI: 10.36599/qped-ed1.100. ISBN: 978-65-89973-53-9.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, abril de 2007.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade**. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2004.

CASTRO, K. et al. Residência Pedagógica e a formação docente em tempos de pandemia: desafios e perspectivas dos licenciandos. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 13, p. e69101320707, 2021. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20707>. Acesso em: 30 nov. 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i13.20707.

COQUEIRO, N.; SOUSA, E. A educação a distância (EAD) e o ensino remoto emergencial (ERE) em tempos de Pandemia da Covid 19. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 7, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/32355>. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n7-060>. Acesso em: 19 out. 2021.

COUTO, E. S.; COUTO, E. S.; CRUZ, I. M. #FIQUEEMCASA: educação na pandemia da covid-19. **Interfaces Científicas – Educação**, Universidade Tiradentes, v. 8, n. 3, p. 200-217, 8 maio 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8777>. Acesso em: 5 maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p200-217>.

CTIC. Domicílios com computador, 2019. Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/domicilios/A1/>. Acesso em: 21 dez. 2020.

CTIC. Domício com acesso a internet, 2019. Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/domicilios/A4/>. Acesso em: 21 dez. 2020,

FIGUEIREDO, L. Círculo virtual de leituras e a formação dos professores de sociologia em tempos de pandemia do coronavírus. In: ALBUQUERQUE, K. A. de; SOUZA, L. F. de; SILVA, V. V. A. da (orgs.). **Coronavírus e a formação do professor de sociologia**. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2021. p. 45-49. Disponível em: <https://quipaeditora.com.br/coronavirus-sociologia>. Acesso em: 24 nov. 2021. DOI: 10.36599/qped-ed1.100. ISBN: 978-65-89973-53-9.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

GOEDERT, L; ARNDT, K. B. F. Mediação pedagógica e educação mediada por tecnologias digitais em tempos de pandemia. **Criar Educação**, v. 9, n. 2, p. 104-121, 2020. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/download/6051/5402>. Acesso em: 28 nov. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/ce.v9i2.6051>.

GOHN, M. G. Educação não formal: direitos e aprendizagens dos cidadãos(ãs) em tempos do coronavírus. **Revista Humanidades e Inovação**, Tocantins, v. 7, n. 7, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/3259>. Acesso em: 28 nov. 2021.

HODGES, C. et al. The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. **EDUCAUSE Review**, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn3>. Acesso em: 28 nov. 2021.

hooks, b. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF; Martins Pontes, 2013.

MARQUES, J. E. et al. Covid-19: implicações históricas e atuais diante das pandemias e práxis educacionais. **Interfaces**, v. 8, n. 6, 748-756, 2020. Disponível em: <https://interfaces.leaosampaio.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/843>. Acesso em: 20 fev. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.16891/2317-434X.v8.e3.a2020.pp748-756a>.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

OLIVEIRA, J. B. A.; GOMES, M.; BARCELLOS, T. A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 108, p. 555-578, jul./set. 2020. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/2885>. Acesso em: 25 ago. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362020002802885>.

SOUZA, C. R. A pandemia do coronavírus e a acentuação das desigualdades escolares: ferramentas para subsidiar o estudante durante o contexto pandêmico. In: ALBUQUERQUE, K. A. de; SOUZA, L. F. de; SILVA, V. V. A. da (orgs.). **Coronavírus e a formação do professor de sociologia**. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2021. p. 24-27. Disponível em: <https://quipaeditora.com.br/coronavirus-sociologia>. Acesso em: 26 nov. 2021. DOI: 10.36599/qped-ed1.100. ISBN: 978-65-89973-53-9.

SOUZA, D. O.; SILVA, S. E. V.; SILVA, N. O. Determinantes Sociais da Saúde: reflexões a partir das raízes da "questão social". **Saúde soc.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 44-56, mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/YJcDtBH4hX3prjZDtXCSPk/?lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902013000100006>.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. COVID 19: **Impacto fiscal na educação básica – cenário de receitas e despesas nas redes estaduais e municipais em 2020**. Terceiro relatório. Disponível em: https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2020/10/Estudo_impacto_covid-19-educacao-vol3_out2020.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.

VENTURA, D.; SILVA, M. La société internationale et les grandes pandémies. Resenha. **Revista de Direito Sanitário**, v. 9, 2008, p. 280-283. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdisan/article/view/13126>. Acesso em: 25 fev. 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9044.v9i2p280-283>.

ŽIŽEK, S. Um golpe como o de “kill bill” no capitalismo. In: DAVIS, M. et al. **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra sem Amos, 2020.

Nota

ⁱ O leitor perceberá que no decorrer do texto o nome da professora negra estadunidense, bell hooks, aparecerá com as iniciais em letras minúsculas. Isto não se trata, no entanto, de um mero erro nosso. Ao contrário, é um erro intencional, a escrita de seu nome em letras minúsculas era uma perspectiva política da autora que buscava, através disso, dar mais enfoque ao conteúdo de suas obras do que a sua pessoa. Com isto ela queria dizer “não se importem tanto com o meu nome, ele está em minúsculo porque minha obra interessa mais do que meu nome”. Esta explicação, além de elucidar o motivo da escrita de seu nome em minúsculo, é uma singela homenagem nossa a esta importante pensadora que nos deixou no ano passado, em 15 de novembro de 2021.

Sobre os autores

Leonardo Figueiredo

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Bolsista no Projeto Residência Pedagógica – Núcleo de Sociologia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8789-127X>
E-mail: leof.amazonia@gmail.com.

Maria Raiele Sousa

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Bolsista no Projeto Residência Pedagógica – Núcleo de Sociologia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7180-7774>.
E-mail: maariaraiele@gmail.com.

Vergas Vitória Andrade da Silva

Doutorado (2012) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Educação Básica na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3730-5938>. E-mail: vergas@ufpa.br.

Recebido em: 02/04/2022

Aceito para publicação em: 03/05/2022